

ECONOMIA

Não me proponho escrever uma ode ao desânimo; exhibir-me-ei com tanta imponência como o galo de manhã, em cima do poleiro, quanto mais não seja para acordar os vizinhos.

Quando escrevi as páginas seguintes, ou a maior parte delas, vivia sozinho nos bosques, a mais de quilómetro e meio de qualquer outra pessoa, numa casa que eu próprio construí na margem do lago Walden, em Concord, Massachusetts, e sobrevivia apenas com o trabalho das minhas próprias mãos. Aí vivi durante dois anos e dois meses. Atualmente voltei a ser hóspede da civilização.

Não importaria tanto os meus assuntos à atenção dos meus leitores se os meus concidadãos não tivessem feito perguntas específicas sobre o meu modo de vida, que alguns considerariam impertinentes, embora eu pense que, pelo contrário, tendo em conta as circunstâncias, são naturais e importantes. Alguns perguntaram o que comia, se não me sentia sozinho, se não tinha medo, e coisas parecidas. Outros quiseram saber que parte do meu rendimento destinava a fins caritativos, e outros, com famílias numerosas, quantas crianças pobres eu sustentava. Deste modo, pedindo desculpa aos leitores que não se interessam particularmente por mim, tentarei responder a algumas destas perguntas neste livro. Na maior parte dos livros, o *eu*, ou primeira pessoa, é omitido; neste será mantido; essa, no que diz respeito ao egotismo, é a principal diferença. Esquecemos habitualmente que, no fim de contas, é sempre a primeira pessoa que fala. Não falaria tanto sobre mim mesmo se conhecesse igualmente

bem outras pessoas. Infelizmente, vejo-me reduzido a este tema pela estreiteza da minha experiência. Além disso, pela minha parte, exijo a todos os escritores, do mais importante ao mais insignificante, um relato simples e sincero da própria vida, que escrevam não só sobre o que conhecem das vidas de outras pessoas, mas sobre o que contariam à família se estivessem numa terra distante; pois se viveram com sinceridade, parece-me que só podem tê-lo feito numa terra distante. Talvez os estudantes pobres sejam o público-alvo destas páginas. Quanto aos restantes leitores, terão de se contentar com as passagens que se lhes apliquem. Confio que ninguém reventará as costuras do casaco quando o experimentar, uma vez que este poderá ser útil àquele a quem servir.

Quero abordar assuntos que interessem aos que leem estas páginas, pessoas de Nova Inglaterra, não aos chineses ou aos habitantes das ilhas Sandwich, qualquer coisa sobre as nossas condições de vida, principalmente a vida ou as circunstâncias exteriores nesta cidade, sobre como são, se é necessário que sejam tão más, se podem melhorar. Tenho andado muito por Concord — por toda a parte, nas lojas, nos escritórios e nos campos, os habitantes parecem penitenciar-se de mil modos extraordinários. Ouvi falar de brâmanes que se mantêm sentados, expostos a quatro fogos e olhando para o sol de frente, ou suspensos de cabeça para baixo sobre o fogo; ou que contemplam os céus por cima dos ombros “até ser impossível retomarem a posição natural, apesar de pelo pescoço torcido só passarem líquidos para o estômago”; ou que permanecem acorrentados durante toda a vida à base de uma árvore; ou que percorrem com os corpos, como lagartas, o território de vastos impérios; ou que permanecem apoiados sobre uma só perna em cima de pilares — contudo, mesmo estas formas conscientes de penitência são menos inacreditáveis e assombrosas do que as cenas que testemunho todos os dias. Os doze trabalhos de Hércules parecem insignificantes em comparação com aqueles que os meus vizinhos chamaram a si, pois eram só doze e tinham fim, enquanto, que eu tenha visto, nunca nenhum destes homens matou ou capturou algum monstro ou se empenhou numa tarefa que pudesse ser terminada. Não têm um amigo como Iolau que cauterize com um ferro em brasa o pescoço da Hidra, depois da cabeça cortada; pelo contrário, mal uma cabeça é esmagada, logo duas se erguem.

Alguns jovens, meus conterrâneos, tiveram a infelicidade de herdar quintas, casas, celeiros, gado e alfaias agrícolas, coisas que é mais fácil adquirir do que largar. Teria sido preferível nascerem nos campos e terem sido amamentados por uma loba; desse modo veriam mais claramente o campo a que foram chamados para trabalhar. Quem os condenou à condição de escravos da terra? Porque terão de cuidar de vinte e quatro hectares, se toda a gente só levará consigo o seu próprio barro? Têm de viver a vida com aquele fardo, desenrascando-se o melhor que conseguirem. Quantas pobres almas imortais conheci quase esmagadas e sufocadas sob este peso, avançando a custo pela estrada da vida, arrastando consigo um celeiro de vinte e cinco metros por quinze, com os seus estábulos sempre sujos, como os de Áugias, e mais de quarenta hectares de terra para cultivar, ceifar, manter como pastagem e fonte de madeira! Os desfavorecidos, que não recebem estes obstáculos desnecessários em herança, já acham suficientemente difícil controlar e cultivar uns poucos quilos de carne.

Contudo, as pessoas laboram em erro. O melhor de cada um é lançado para a terra como adubo. Por um destino semelhante, a que vulgarmente chamamos necessidade, são encarregados, como se diz na Bíblia, de proteger tesouros que a ferrugem e as traças vão corroer e os ladrões vão invadir e roubar. É uma vida de loucos, hão de chegar a esta conclusão perto do fim, se não antes. Conta-se que Deucalião e Pirra criaram homens atirando pedras para trás, por cima da cabeça:

“Inde genus durum sumus, experiensque laborum,
Et documenta damus quâ simus origine nati.”¹

Ou, como Raleigh versejou na sua voz sonora:

From thence our hard-hearted is, enduring pain and care,
Approving that our bodies of a stony nature are.

[Daí termos um coração couraçado, que suporta sofrimentos e cuidados,
Comprovando que em pedra os nossos corpos foram talhados.]

É nisto que dá obedecer cegamente a um oráculo disparatado, atirando pedras para trás da cabeça sem ver onde caem.

Mesmo neste país relativamente livre, a maioria das pessoas, ainda que por mera ignorância e erro, está tão envolvida nas preocupações artificiais e nos trabalhos grosseiros e superficiais da vida que não consegue colher os seus melhores frutos. Os seus dedos, por excesso de trabalho, tornaram-se desastrados e tremem excessivamente. Na verdade, o homem que trabalha não tem tempo para o lazer em nenhum momento do dia; não se pode dar ao luxo de conviver com as outras pessoas; o seu trabalho não renderia tanto no mercado. Só tem tempo para ser uma máquina. Como pode ter consciência da sua ignorância — atitude indispensável ao crescimento — quando precisa tantas de vezes de aplicar os seus conhecimentos? De vez em quando devíamos dar-lhe de comer e de vestir gratuitamente e partilhar a nossa bebida com ele, em vez de o julgarmos. Só através do manejo mais delicado podem as melhores qualidades da nossa natureza, como as flores dos frutos, ser preservadas. Contudo, não lidamos connosco, nem uns com os outros, com cuidado suficiente.

Alguns de vocês, todos sabemos, são pobres, sentem dificuldades, por vezes até em respirar, por assim dizer. Não tenho dúvidas de que alguns leitores deste livro não podem pagar todos os jantares que já comeram, nem todos os casacos e sapatos, que se gastam tão depressa ou já estão gastos, e chegaram a esta página usando tempo que não tinham, furtando aos credores uma hora. É evidente que muitos de vocês têm vidas mesquinhas, dependentes de expedientes, sei-o bem por experiência; sempre no limite, tentando negociar e pagar as dívidas, esse pântano ancestral a que os latinos chamam *aes alienum*, o cobre alheio, porque algumas moedas deles eram cunhadas nesse metal; continuando a viver, a morrer e a ser enterrados no cobre alheio, sempre prometendo pagar, prometendo pagar amanhã mas morrendo hoje, insolventes; pedindo favores, angariando clientes, de todos os modos que não impliquem prisão; mentindo, bajulando, votando, reduzindo-se a um verniz de boas maneiras, ou expandindo-se numa atmosfera de generosidade ténue e vaporosa, de modo que persuade o vizinho a deixar-vos fazer os sapatos, ou o chapéu, ou a carruagem, ou importe as mercearias dele, rebaixando-

-vos para poupar algum pé-de-meia a que recorrer em caso de necessidade, algo que se possa guardar numa velha arca, numa meia dentro da parede, ou, método mais seguro, numa parede de tijolos; não interessa onde, não interessa se é muito ou pouco.

Espanta-me às vezes que possamos ser frívolos, quase se pode dizer, a ponto de tolerarmos essa forma de servidão grosseira, mas de algum modo estrangeira, que é a escravidão dos negros, quando há tantos senhores subtis e astutos lucrando com isso tanto no Norte como no Sul. É mau ter um capataz do Sul; é pior ter um do Norte; mas o pior de tudo é sermos o nosso próprio capataz. Fala-se da natureza divina do Homem! Será que no carroceiro na estrada, dirigindo-se ao mercado de dia ou de noite, subsiste alguma réstia desta natureza? A sua maior responsabilidade é dar de comer e beber aos cavalos! Que importância tem o destino dele quando comparado com os interesses do mercado? Não é funcionário de um Figurão Importante? Como pode ser divino ou imortal? Vejam como se encolhe servilmente, como passa o dia receoso; não é divino nem imortal, mas sim escravo e prisioneiro da opinião que tem de si próprio, da fama que adquiriu pelos seus atos. A opinião dos outros é um tirano brando quando comparada com a opinião que temos de nós mesmos. Aquilo que alguém pensa de si próprio determina, ou, melhor, antecipa o seu destino. É preciso autoemancipação também nas Índias Ocidentais da fantasia e da imaginação — que Wilberforce será necessário para a desencadear? Lembrem-se também das senhoras da terra que produzem almofadas ornamentais até à morte para evitarem preocupar-se com o próprio destino! Como se perder tempo não ferisse a eternidade.

A maior parte das pessoas tem vidas de desespero resignado. Aquilo a que chamamos resignação não passa de desespero crónico. Da cidade desesperada ao país desesperado, não nos resta senão procurar consolo na coragem das martas e dos ratos-almiscareiros. Mesmo naquilo a que chamamos os jogos e os divertimentos da humanidade esconde-se um desespero estereotipado mas inconsciente. Não há diversão neles, porque vêm depois do trabalho. Mas a sabedoria não comete atos desesperados.

Quando pensamos naquilo que, segundo o catecismo, é o fim principal do Homem e em quais são as coisas verdadeiramente essenciais